

Facilidades e dificuldades na elaboração de trabalhos de conclusão de curso

ROSADÉLIA MALHEIROS CARBONI

Enfermeira. Mestre em Educação – Mackenzie;
Professora do curso de Enfermagem – UNINOVE.
adelia@uninove.br

VALNICE DE OLIVEIRA NOGUEIRA

Enfermeira. Mestre em Enfermagem – UNIFESP;
Professora do curso de Enfermagem – UNINOVE.
vallnog@uninove.br

RESUMO

Este artigo teve como objetivo caracterizar o perfil dos alunos do 8º semestre de graduação em Enfermagem e identificar os fatores que facilitam e dificultam, para os estudantes, a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou monografia. Tratou-se de uma pesquisa exploratória realizada em uma instituição de ensino privada na cidade de São Paulo. A amostra foi constituída de 76 alunos, sendo 83% do sexo feminino, 52,6% solteiros e 63,1% auxiliares de enfermagem. Os entrevistados relataram que suas maiores dificuldades foram tempo, custos e procura de um orientador, e o que mais facilitou foi a oportunidade de aprender a realizar pesquisa, o fato de possuir um orientador e o poder de escolha do tema.

Palavras-chave: Enfermagem. Monografia. Pesquisa.

ABSTRACT

The aim of this article was to characterize the profile of an 8th semester group of undergraduate Nursing students and identify the factors that make the learning easy or difficult at the moment of elaborating their Undergraduate Final Year Project (UFYP) or monograph. It was an exploratory research developed in a private education institution in the city of São Paulo. The sample was constituted by 76 students – 83% of female, 52,6% of single persons and 63,1% of nursing auxiliaries. The interviewed ones described time, costs, the search for a mentor and the requirement of carrying through the UFYP for being approved in the course as their major difficulties; the most facilitating factors were the opportunity of learning how to develop a research, to be accompanied by a mentor and the power of choice on the subject.

Key words: Monograph. Nursing. Research.

Recebido em: 14 maio 2004

Aprovado em: 17 jun. 2004

Introdução

A enfermagem é uma profissão destinada ao 'cuidar' e, para que o exercício das atividades profissionais tenha qualidade, ela necessita de competência, que se refere à tríade constituída de conhecimento, habilidades psicomotoras e atitudes. Segundo Zacharias (2004, p. 1), "as competências pressupõem operações mentais, capacidades para usar as habilidades, emprego de atitudes, adequadas à realização de tarefas e conhecimentos."

De acordo com a trajetória histórica da Enfermagem, percebe-se que se enfatizava, prioritariamente, o desenvolvimento das habilidades, ou seja, o enfermeiro era reconhecido pela destreza manual decorrente de sua prática profissional. Sua formação estava diretamente atrelada a uma classe elitizada, vinculada à submissão do profissional médico e à adoção do 'taylorismo', características marcantes no desempenho de suas funções (SANTOS, 2003). A submissão, a obediência e o autodesprendimento foram características consideradas imprescindíveis para a atuação do enfermeiro, conforme o "modelo nightingaleano" (GEOVANINI et al., 1995), que perdura até hoje.

Em contrapartida às posturas desempenhadas pelos enfermeiros em meados do século XX, Alcântara (1963) já comentava a necessidade de pesquisa em Enfermagem, de qualificação e valorização do enfermeiro, além da participação efetiva em todo e qualquer processo de mudança, seja no campo social, econômico ou administrativo. A partir do fim dos anos 70 e início dos 80, evidenciaram-se as reformas educacionais na graduação e na pós-graduação em Enfermagem, valorizando cada vez mais a capacidade cognitiva desse profissional. Tal fato sofreu influência direta das transformações na área da saúde – sugeridas na Conferência de Alma Ata e na 8ª Conferência Nacional de Saúde – e na esfera política com a criação do Sistema

Único de Saúde e a Reforma Sanitária.

No que concerne ao âmbito educacional, o ensino de Enfermagem em nível superior passa por uma série de reformulações sugeridas pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), e pelas Diretrizes Curriculares do Conselho Nacional de Educação, sustentadas legalmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996. Segundo Brasil (1996), o aluno deverá adquirir/desenvolver competências que farão dele um profissional capacitado para atender às crescentes exigências do mercado de trabalho.

A Resolução n. 03/2001 do Conselho Nacional de Educação define que o profissional enfermeiro deve ser capaz de conhecer e intervir nos problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase em sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicosociais dos seus determinantes (BRASIL, 2001). Isso quer dizer que esse profissional necessita de conhecimento científico para aplicar em sua realidade prática, documentando-a para expandir idéias e caracterizar sua práxis como ciência.

Nesse contexto, o aluno de Enfermagem possui uma série de exigências que perduram até o final da graduação: atividades extracurriculares, cumprimento de disciplinas teóricas e práticas – experiências vivenciadas ao longo dos quatro anos de formação acadêmica. Durante a graduação, além de o discente desenvolver estudos dirigidos, seminários, avaliações formais teóricas e práticas, deverá realizar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), considerado aqui como monografia. Nessa construção, ele será estimulado a optar pelo estudo de um determinado tema, e a definir um método adequado e os sujeitos da pesquisa. É importante ressaltar que esse estudante, futuro enfermeiro, deve adotar uma prática embasada cientificamente, o que se obtém por meio de estudos e pesquisas. O intuito da disciplina é

possibilitar a oportunidade de vivenciar a leitura, entrar em contato com estudos realizados, observar aspectos éticos e sua aplicação nas pesquisas com seres humanos e analisar resultados e sua aplicabilidade na prática, assim como desenvolver a noção de aplicabilidade de um método científico. Heyden; Resck; Gradim (2003) entendem que o TCC, além de introduzir o aluno na pesquisa utilizando recursos metodológicos, lhe permitirá aprender a resolver problemas e o incentivar a prosseguir sua formação acadêmica.

Um trabalho de investigação científica não termina com sua elaboração, nem com a divulgação dos resultados à comunidade científica e demais profissionais interessados, para que sejam apreciados, analisados e criticados; ao contrário, esse processo retroalimenta, com dados as reformulações do conhecimento (LOPES, 1993). Nesse percurso de composição do material, faz-se presente um orientador para cada aluno e um professor comum à sala de aula que abordarão desde os primeiros conceitos, na fase inicial do projeto de pesquisa, até a conclusão do TCC.

Percebe-se que, embora existam fatores que facilitam a elaboração do trabalho, como um professor que o acompanha em sala de aula durante um ano e um orientador, outros parecem dificultá-la, como a ansiedade, a complexidade do processo de construção, assim como o cumprimento de normas. Quais são, então, segundo os alunos de Enfermagem do 8º semestre de um centro universitário da rede privada, os fatores 'facilitadores' e 'dificultadores' do desenvolvimento do TCC?

Para responder a essas indagações, o objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil dos graduandos do 8º semestre do curso de Enfermagem de uma escola privada e identificar os fatores que facilitam e dificultam a elaboração do TCC.

Material e método

O tipo de pesquisa foi a 'exploratória de campo', que, segundo Gil (1996), objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema, visando a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, e envolve entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. A pesquisa foi realizada em maio de 2003 em uma instituição de ensino superior da rede privada da cidade de São Paulo. Foram autorizadas as entrevistas por meio de solicitação formal e agendadas as datas para a coleta dos dados.

A amostra foi constituída por 76 (65,9%) graduandos do 8º semestre do curso de Enfermagem do período vespertino. Excluíram-se desta pesquisa os estudantes que estavam ausentes e aqueles que não desejaram participar. O instrumento de coleta de dados foi composto de cinco perguntas abordando o perfil dos participantes e os fatores facilitadores e dificultadores da elaboração do TCC. O objetivo do estudo, a participação voluntária e a garantia de anonimato foram informados pelas pesquisadoras; aqueles que aceitaram assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, seguindo os preceitos éticos pautados na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996). Os dados foram apresentados sob a forma de percentual e número absoluto (Tabelas).

Resultado e discussão

Em relação à caracterização da amostra, 63 (83%) eram do sexo feminino e 13 (17%) do sexo masculino, explicitando, mais uma vez, a maioria feminina no curso de Enfermagem. Segundo Santos et al. (2002), a incorporação da mulher às práticas do cuidar se mescla com a própria história da humanidade, evidencia-se com o advento do cristianismo e, nos dias atuais ainda representa maior contingente.

D'Innocenzo (1993) comenta que a maior inserção de homens na profissão poderia representar uma mudança em questões salariais, nas condições de trabalho e maior valorização profissional. Segundo Reis (2002), apesar de a enfermagem ser uma profissão escolhida principalmente por mulheres, cada vez mais os homens se dedicam a ela. No período de 1970, apenas 1% dos enfermeiros era do sexo masculino; atualmente, de cada 100 profissionais, 14 são homens.

Quanto ao estado civil, 40 (52,6%) eram solteiros, 30 (39,5%) casados, 5 (6,6%) divorciados e um (1,3%) não informou. Em relação à profissão, 48 (63,1%) eram auxiliares de enfermagem, 6 (7,9%) técnicos de enfermagem, 4 (5,3%) atuam em outra profissão e 18 (23,7%) não responderam.

A Enfermagem, independentemente do nível do indivíduo que a exerça (médio ou universitário), é uma área promissora e um campo vasto para a aquisição de vínculos empregatícios, ainda que a situação econômico-política nacional não seja, de modo geral, confortável para o mercado de trabalho. As atividades desenvolvidas pelos profissionais de nível médio no contexto hospitalar, assim como a convivência com o enfermeiro, podem despertar a necessidade e o interesse em realizar um curso universitário em Enfermagem, pela possibilidade de ascensão profissional e pessoal.

Gomes (1998), em seu artigo *Carreiras em alta*, comenta que, no Brasil, a graduação em Enfermagem é muito procurada, ocupando a 7ª colocação entre as demais profissões, em virtude do crescimento das áreas de atuação do enfermeiro.

Ainda quanto à caracterização da amostra, 44 (58%) tinham um emprego, 12 (15,8%) dois empregos, dois (2,6%) três, um (1,3%) quatro, um (1,3%) cinco e 16 (21%) não responderam. A idade variou entre 22 e 50 anos, com média de 33,28 anos.

O aluno de Enfermagem, principalmente das instituições privadas, muitas vezes trabalha desde cedo para contribuir com a renda familiar, ou ainda ser o provedor da família; faz curso de auxiliar ou técnico em enfermagem e exerce a profissão, fato este percebido no presente estudo: 63,1% são auxiliares e 7,9% técnicos, o que pode retardar sua admissão no curso superior em razão da idade, dado que 62% dos participantes têm idade acima de 31 anos.

Outro fator importante a ser considerado é a situação econômica do país, pois em algumas ocasiões o indivíduo prioriza o atendimento de necessidades humanas primárias, como alimentação, vestuário e moradia, e a educação pode ser encarada como um planejamento de futuro.

Em relação aos fatores que facilitaram a elaboração do TCC, as respostas estão apresentadas no Tabela 1. Os mais citados foram: oportunidade para aprender a realizar pesquisa, o fato de possuir um orientador e o poder de escolha do tema.

Tabela 1 – Fatores que facilitaram a elaboração do TCC

fatores facilitadores	n
oportunidade para aprender a realizar pesquisa científica	49
possuir um orientador	47
escolha do tema	45
relação professor-aluno	39
hábito de leitura	39
motivação à pesquisa	38
possibilidade de realizar o TCC em dupla	34
não ter necessidade de apresentação oral	34
cronograma a cumprir	31
construção do conhecimento científico	28
acesso ao material bibliográfico nas bases de dados	25
apresentação em pôster	19

*Número de citações (n).

É importante ressaltar o grande número de citações. Apesar de os estudantes dedicarem

pouco tempo às atividades acadêmicas, em razão principalmente do trabalho diário, observa-se pelas respostas que o objetivo maior é aprender a realizar pesquisa científica, o que reforça a idéia de que, para a Enfermagem, a pesquisa é um instrumento que vai ao encontro do próprio reconhecimento e valorização profissional, permeando conhecimento, habilidade e atitude.

De acordo com Abreu; Masetto (1990), o aluno pode adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes. O conhecimento é composto de informações, fatos, conceitos, princípios, teorias e interpretações, análises, estudos, entre tantos outros; a habilidade refere-se a tudo o que o aluno deve aprender a fazer, desenvolvendo capacidades intelectuais, afetivas, psíquicas e motoras; as atitudes são definidas como os comportamentos que se apresentam diferentes daqueles que apresentavam anteriormente a uma experiência, isto é, a disciplina vivenciada. A pesquisa atua no controle de qualidade das ações e confere à enfermagem poder e *status* de profissão universitária, o que contribui para a melhoria das condições de vida da população e para a produção do saber (ALMEIDA, 1995). Tais ações valorizam a Enfermagem como ciência e não apenas uma profissão.

Ter um orientador possibilita ao aluno compreender melhor o processo de elaboração, desde a delimitação de um tema, construção de problema, hipótese, justificativa, objetivos, método, até sua conclusão. O orientador é um facilitador do processo, conhece o tema e guia o aluno durante o seu desenvolvimento.

É importante salientar que o aluno necessita cumprir exigências que são indissociáveis à realização do TCC, pois a organização, o envolvimento e o interesse são aspectos que podem garantir o sucesso do trabalho. Para facilitar o desenvolvimento das atividades e diminuir a angústia gerada pela proximidade da entrega do produto final – a monografia –, na

instituição, avalia-se o trabalho escrito, sem que haja necessidade da defesa oral. Essa não-obrigatoriedade talvez seja a causa do último lugar alcançado pela apresentação em pôster na escala dos elementos sugeridos como facilitadores do trabalho. Isso se deve ao fato de os alunos saberem que seriam submetidos à análise de um professor com emissão de um conceito que, somado à avaliação escrita, poderia ou não aprová-los na disciplina. A apresentação do TCC em pôster, e não apenas a entrega do trabalho escrito, possibilita o exercício da apresentação oral, assim como o compartilhar do conhecimento com os demais. Profissionais de todas as áreas necessitam de uma base de conhecimentos a partir da qual possam exercer sua prática, e o conhecimento científico lhes proporciona uma base sólida (POLIT; HUNGLER, 1995).

Em relação aos fatores que dificultaram a elaboração do TCC, as respostas estão apresentadas no Tabela 2.

Tabela 2 – Fatores que dificultaram a elaboração do TCC

fatores que dificultaram	n
tempo	53
custo	53
procura de um orientador	48
exigência em realizar o TCC para aprovação no curso	44
obrigatoriedade de seguir uma metodologia	34
relação professor-aluno	26
não possuir o hábito de leitura	24
apresentação em pôster	23
acesso ao material bibliográfico nas bases de dados	21
desmotivação à pesquisa	13
cronograma a cumprir	12
possibilidade de realizar o TCC em dupla	10

*Número de citações (n).

As maiores citações foram as de tempo, custos e procura de um orientador.

O prazo para a elaboração do TCC é de um ano; trata-se de um tempo razoável, porém, como

os alunos são trabalhadores, isso pode dificultar a busca do material bibliográfico, o desenvolvimento e a coleta de dados. Além disso, eles convivem com a ansiedade em virtude dos prazos de entrega para correção e, muitas vezes, por causa da pouca compreensão de todo o processo. Quando opta por desenvolver um tema, o estudante, muitas vezes, refere ser difícil delimitá-lo e definir os objetivos. Sabe-se que a delimitação do tema promove um conhecimento aprofundado do objeto pesquisado. Em relação aos objetivos, quanto maior o número e a complexidade, maior o período de tempo para concretizá-los e maiores as dificuldades advindas. Muitos alunos vivenciam esta situação e, nesse momento, o orientador e o professor de TCC têm o papel de direcioná-los para que os objetivos possam ser alcançados em consonância com a disponibilidade de tempo.

O custo foi bastante citado, provavelmente em virtude de a maioria deles [discentes] informar não ter computador nem impressora, obrigando-se a pagar digitação e impressão. Durante essa elaboração são feitas muitas correções, exigindo, muitas vezes que o seja novamente digitado e impresso. Outra alegação dos pesquisados é que, durante a elaboração, arcam com o sustento de suas famílias e usam transporte coletivo para acesso às bibliotecas e locais de coleta de dados, além do pagamento da mensalidade do curso.

O orientador deve ser um professor da instituição e cabe ao aluno contatá-lo. No entanto, muitas vezes, mesmo com o auxílio do professor da disciplina, não consegue o aceite de nenhum dos contatados. Justifica-se a dificuldade pela quantidade de alunos que buscam orientação e pela pouca disponibilidade de horário dos docentes.

O TCC é exigido para aprovação no curso e pode-se perceber que gera ansiedade, pois eles são autores de um estudo, serão avaliados com rigor

quanto ao desenvolvimento conforme normas, encadeamento lógico das idéias, uma certa profundidade e apresentação do conhecimento do tema estudado. A construção da pesquisa é julgada pelo aluno como uma exigência a mais do curso. Nessa construção, dizem eles, existem dificuldades de articulação com o cotidiano e com a realidade da profissão; caso não fosse obrigatória, muitos dela abdicariam. O fato é que esse trabalho final é considerado uma prova de fogo que os discentes precisam vencer para tornarem-se enfermeiros. Dessa forma, existe um compromisso em transformar nossos futuros colegas em profissionais que reconhecem e valorizam a contribuição da pesquisa para a qualidade do cuidado e o crescimento da profissão (ÂNGELO, 1989).

A obrigatoriedade de seguir uma metodologia é um outro fator muito citado e foi percebido pelas pesquisadoras durante um ano. Parece existir uma dificuldade em se apreender o método a ser seguido, o modo como as referências devem ser citadas, a lógica que deve existir, a forma como devem ser apresentados os resultados, a importância da coerência entre o tema, o problema, os objetivos, o método e a conclusão.

A relação professor-aluno é muito importante; por isso, precisa haver empatia entre eles e, muitas vezes, isso não ocorre. Pode haver divergências entre o que o aluno pretende estudar e o que o orientador aconselha, em razão, por exemplo, de não haver literatura suficiente; da mesma forma, na delimitação do tema, ou na elaboração do objetivo. Acrescente-se a isso a questão da disponibilidade de horário do aluno e do orientador, que nem sempre coincidem.

Demo (1997) aborda a relação professor-aluno ao ressaltar que o professor deve orientar o aluno a expressar-se de modo fundamentado, exercitar formulação própria, reconstruir autores e teorias e tornar cotidiana a pesquisa. É necessário que essa relação não seja de

dependência, mas, sim, que o aluno o veja como um facilitador, alguém que o oriente a buscar respostas às suas indagações.

Pode-se perceber que, embora o hábito de leitura seja referido como facilitador (39 citações), também é mencionado por 24 dos participantes da amostra como um fator que dificulta. A falta do hábito de leitura pode constituir dificuldade em virtude da necessidade de exploração das literaturas pertinentes ao tema, com sua posterior seleção, análise e interpretação. Acredita-se que alguns alunos leiam pouco, algumas vezes somente para as provas e isso pode tolher esse processo. O costume de ler pode facilitar a compreensão do texto e a elaboração do trabalho científico. Esse deve ser reforçado na vida acadêmica e estimulado sempre, para ajudar o aluno a superar as falhas advindas do ensino médio.

Para Demo (1997), o aluno tem a idéia de que vai à universidade assistir às aulas e fazer provas e de que, se passar, estará formado. Essa visão deve ser trabalhada e modificada. Coursar a universidade não é somente cumprir disciplinas, e sim assumir compromisso com a formação ética e crítica e com a busca de conhecimento, objetivando formar um profissional capaz de provocar mudanças, pesquisar e, com isso, inovar, racionalizar e melhorar o que já existe. Há de se estar sempre buscando mudar o pensamento de que as notas possibilitam formação universitária. Cabe ao professor envolver o aluno no processo ensino-aprendizagem a fim de despertar-lhe o interesse em buscar o conhecimento continuamente.

Assim, é necessário desmistificar a pesquisa em relação à separação artificial do ensino, com o reconhecimento de sua articulação com a prática e a superação do modelo que vê a aprendizagem como domesticação do aluno (SAUPE; WENDHAUSEN; MACHADO, 2004).

Conclusão

A existência de uma estrutura apropriada para pesquisa (a definição de temas, o espaço para a realização do trabalho, o orientador e a bibliografia) foi considerada um facilitador para a realização do TCC.

Existe uma correlação positiva entre as condições socioeconômicas dos entrevistados e os fatores 'tempo' e 'custos', assinalados como os principais dificultadores do processo.

Existe uma correlação negativa entre o número de professores orientadores e a quantidade de alunos que necessitam elaborar o TCC.

Há diferenças de expectativas entre os agentes pedagógicos e os estudantes quanto à vinculação do TCC ao término do curso e ao recebimento do diploma.

Em virtude da escassez bibliográfica acerca do assunto, outros estudos são necessários para corroborar os dados evidenciados por esta pesquisa, embora se acredite que os resultados aqui encontrados são comuns em instituições de ensino superior privadas em virtude do perfil socioeconômico e cultural do graduando de Enfermagem, das experiências vivenciadas em outras instituições privadas e das discussões com outros docentes.

Referências

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. *O professor universitário em sala de aula*, 10 ed. São Paulo: MG Editores Associados, 1990. 130p.

ALCÂNTARA, G. *A Enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*. São Paulo: 1963. 116f. Tese (cátedra). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), 1963.

ALMEIDA, M. M. G. Pesquisa como instrumento da prática. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 48, n. 2, p. 155-60, abr./jun. 1995.

ÂNGELO, M. *Vivendo uma prova de fogo: as experiências iniciais da aluna de enfermagem*. São Paulo: 1998. 133f. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei n. 9.394. 20 dez. 1996*. Dispõe sobre as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. *Parecer n. 1.133. 3 out. 2001*. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Disponível em: <<http://mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres>>. Acesso em: 10 jun. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). *Resolução 196. 10 out. 1996*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>>. Acesso em: 10 maio 2003.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*, 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 1997. 129p.

D'INNOCENZO, M. *O desenvolvimento profissional da equipe de enfermagem em organizações hospitalares: um estudo dos hospitais gerais de grande porte no município de São Paulo*. São Paulo: 1993. 108f. Dissertação (mestrado). Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 1993.

GEOVANINI, T. et al. *História da Enfermagem: versões e interpretações*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 205p.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*, 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996. 157p.

GOMES, M. T. Carreiras em alta. *Revista Você S. A.*, n. 6, p. 34-43. São Paulo: Abril, dez. 1998.

HEYDEN, M. S. T; RESCK, Z. M. R; GRADIM, C. V. C. A pesquisa na graduação em enfermagem: requisito para conclusão de curso. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 56, n. 4, p. 409-411, 2003.

LOPES, C. M. *Aplicação de resultados de pesquisas na prática de enfermagem*. São Paulo: Sarvier, 1993. 89p.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*, 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 391p.

REIS, B. Programas de saúde da família dão novo impulso à enfermagem. *Jornal da Paulista*, ano 15, n. 172. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), out. 2002. Disponível em: <<http://www.unifesp.br/comunicacao/jpta/ed172/mercado.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2003.

SANTOS, S. S. C. Currículos de enfermagem do Brasil e as diretrizes – novas perspectivas. *Revista Brasileira Enfermagem*, v. 56, n. 4, p. 361-364, 2003.

SANTOS, I. et al. Uma nova história de enfermagem. *Revista de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 109-113. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2002.

SAUPE, R.; WENDHAUSEN, A. L. P.; MACHADO, H. B. Modelo para implantação ou revitalização de trabalhos de conclusão de curso. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. v. 12, n. 1, p. 109-114, jan.-fev. 2004.

ZACHARIAS, V. L. C. F. *Competências e habilidades*. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/compehab.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2004.